

Subjetivações em meio à vida universitária e sua interface com o aprender inventivo

5

*Subjectivations among the university
life and its interface to learn inventive*

*Subjetivaciones en medio de la vida universitaria y
su interface con el aprender criativo*

Carla Gonçalves Rodrigues*
Lisandra Berni Osório**

Resumo: O objetivo é problematizar os modos de subjetivação em interface com o aprender que se circunscreve em meio à vida no ambiente universitário. Para além de critérios avaliativos e paradigmas psicológicos, buscamos a temática do aprender sob o viés das filosofias da *diferença*, perpassando pelo escopo da inventividade. (KASTRUP, 2007). Nessa direção, encontramos, em Deleuze (2000, 2010), a ideia de que o pensamento produz uma diferença quando é coagido pelo encontro com os signos que o forçam, desdobrando, daí, algo que lhe confira novo sentido. Partimos de um contexto educacional que se encontra em constante mudança diante do aumento demográfico e sociocultural, em face das novas formas de ingresso no Ensino Superior, nos últimos anos, e no qual se constatou um crescente não aproveitamento acadêmico de estudantes bolsistas da Assistência Estudantil da Universidade Federal de Pelotas. Isso impulsionou a realização de análise documental (LUDKE; ANDRÉ, 1986) com 557 alunos que não atingiram a média de 70% em 2013/1. Os dados quantitativos foram obtidos através dos *softwares* EPI INFO e SPSS e utilizamos os testes estatísticos ANOVA e *Teste-t* para analisar as variáveis em exposição, associando-as ao aproveitamento acadêmico. Articulamos essa análise com o método cartográfico, o qual visa a acompanhar os processos subjetivos. (BARROS; KASTRUP, 2014). Distanciando-nos de aspectos representacionais e identitários, os resultados indicaram que o baixo aproveitamento acadêmico relaciona-se menos com dificuldades cognitivas e mais com contingências do contexto acadêmico, sofrimento psíquico e

* Doutora em Educação. Professora associada na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Pelotas – RS. *E-mail:* cgrm@ufpel.edu.br

** Mestre em Educação pelo PPGE da UFPEL. Psicóloga do quadro técnico-administrativo da UFPEL, Pelotas – RS. *E-mail:* lisabosorio@gmail.com

heterogeneidades, em que as subjetividades (GUATTARI, 2012) emergem como territórios existenciais em condições de provisoriade. Diante das distintas geografias, variados modos de composição familiar, diferentes tipos de moradia, diversos vínculos com os cursos de graduação e com a universidade, as singularidades estudantis ganham expressões que são transversalizadas pelos modos de ser e estar jovem, que permeiam o aprender em meio à vida. Dessa forma, os achados desta investigação reverberam a oportunidade de pensar novas práticas no campo da educação.

Palavras-chave: Aprender inventivo. Subjetivação. Cartografia. Educação.

Abstract: The objective is problematize the ways of subjectivities in interface with learning that circumscribes among university environment. Beyond evaluation criteria and psychological paradigms, we search the theme of learning under the bias of philosophy of *difference*, permeating the scope of inventively (KASTRUP, 2007). In this direction, we found, in Deleuze (2000, 2010), the idea that thinking produces difference when coerced by the encounter of signs that pushes, unfolding, then, something provides it a new meaning. We departed from an educational context which is in constant change facing the sociocultural and demographic increase face to enter in Tertiary Education, in the last years, and in which an enhancing of lack of use from scholarship students in school assistance from Federal University of Pelotas. This boosted the conducting of a documental analyses (LUDKE; ANDRÉ, 1986) with 557 students that did not achieve the average of 70% in 2013/1. The quantitative data were obtained through software EPI, INFO and SPSS, and we used the statistics tests ANOVA and *T_{test-t}* to analyze the variables in exposition, associating them to an academic process. We articulated to this analyses with cartographic method, which aims to follow the subjective processes. (BARROS; KASTRUP, 2014). Moving from representational and identity aspects, the results indicated that low academic achievement is less related to cognitive problems and more with contextual academic contingences, psychological distress and heterogeneities, in which the subjectivities (GUATTARI, 2012) emerge as existential territories in provisory conditions. Up to distinct geographies, vary family composition, different kinds of habitation, several bonds with graduation courses and with the university, students singularities gain expressions that are mainstreamed by the ways of being young, which permeate learning among life. This way, the findings of this investigation reverberate of thinking in new practices in the education field.

Keywords: Learning inventive. Subjectivity. Cartography. Education.

Resumen: Nuestro objetivo es discutir formas de subjetividade en la interfaz de saber que es limitada en el medio de la vida en el entorno universitario. Además de los criterios de evaluación y los paradigmas psicológicos, buscamos el tema de aprendizaje bajo el sesgo de *la diferencia* de las filosofías, pasando por el alcance de la inventiva. (KASTRUP, 2007). En este sentido, encontramos en Deleuze (2000, 2010), la idea de que el pensamiento hace una diferencia cuando es coaccionado por el encuentro con los signos que obligan, el despliegue, por lo tanto, algo que le da un nuevo significado. Partimos de un contexto educativo que está cambiando constantemente en la cara del aumento demográfico y socio-culturales, en vista de las nuevas formas de acceso a la Educación Superior en los últimos años y que encontramos un creciente uso no académico de los estudiantes de becas de la Asistencia al Estudiante Universidad Federal de Pelotas. Esto ha impulsado la realización de análisis de documentos (LUDKE; ANDRÉ, 1986) con 557 estudiantes que no alcanzaron el promedio de 70% en 2013/1. Los datos cuantitativos se obtuvieron del programa Epi Info y SPSS, y el uso de pruebas estadísticas ANOVA y la prueba t para analizar las variables en la pantalla, en relación con el rendimiento académico. Articulamos este análisis con el método cartográfico, que tiene por objeto realizar un seguimiento de los procesos subjetivos. (BARROS; KASTRUP, 2014). Distanciarnos de los aspectos de representación y de identidad, los resultados indicaron que el bajo rendimiento académico se relaciona con menos dificultades cognitivas y más contingencias contexto académico, trastornos psicológicos y heterogeneidades en las subjetividades (GUATTARI, 2012) emerge como territorios existenciales en condiciones provisionales. Ante diferentes geografías, diferentes formas de composición de la familia, los diferentes tipos de vivienda, muchos vínculos con el grado y la universidad, las singularidades de los estudiantes obtienen expresiones que son establecidos por los modos de ser y de ser joven, que impregna el aprendizaje entre la vida. Por lo tanto, los resultados de esta investigación reverberan la oportunidad de pensar en nuevas prácticas en el campo de la educación.

Palabras clave: Aprendizaje de la invención. Subjetividad. Cartografía. Educación.

1 Introdução

Escrever sobre o aprender impulsiona nosso pensamento a novos territórios e o leva até instantes de ruídos que desnudam as palavras. Tornar-se viajante de linguagens que buscam asilo na garganta devasta a esperança de ser aprendiz em meio a multidão de movimentos que arrastam subjetividades que não cessam de se transformar nos meandros

da vida estudantil. Segundo Schérer (2005, p. 1183), “o aprender vai além do saber, esposando a vida toda”. Com o propósito de afirmar um aprender inventivo e articulado com modos de subjetivação de um *corpus* de discentes universitários, este estudo busca, na multiplicidade e na singularidade do coletivo, agenciamentos com produções de sentido que ensejem transformações de si e do mundo. Distancia-se da hegemonia dos paradigmas da psicologia da aprendizagem, das linearidades de uma epistemologia genética e de generalidades de conceitos que intentem verdades absolutas.

Desde um olhar macro, vê-se que a Ensino Superior no País encontrava-se em descompasso com as demandas da sociedade brasileira, conforme o Censo de 2005, desencadeando políticas públicas de expansão e desenvolvimento (SANTIN; CUNHA, 2012), tais como o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e o Sistema de Seleção Unificada (Sisu). Dessa forma, a UFPel, que configura o *locus* deste estudo, foi uma das pioneiras ao implementar esses sistemas em 2008. Uma vez que tal fato deu-se no período de um ano, houve um crescimento desregulado entre as unidades acadêmicas. Somando-se às mudanças no ingresso ao Ensino Superior, também é perceptível a Lei de Cotas, que contempla políticas afirmativas que favorecem a inserção de alunos.

Quanto ao aumento da população acadêmica, interpelam-se não apenas diversidades demográficas e socioculturais, mas se circunscreve um estudante capturado por transformações contemporâneas no mundo e na educação, em que outros modos de subjetivação são emergentes. Por exemplo, expressões de si sob tais mudanças ecoam contingências, como formas de adaptação ao entrar na universidade e que escorrem em enunciações de um coletivo porvir. Vemos, de modo empírico, um estudante que, vindo ou não de outro estado do Brasil, necessita afirmar sua existência no ambiente acadêmico, via movimentos estudantis, de imersão em coletividades que confirmam voz aos seus anseios ou àquilo que entende como uma rede de apoio e direitos.

Constatamos que, no período de 2012/2 a 2013/2, houve um aumento de 82% no índice de não aproveitamento acadêmico dos estudantes de graduação da universidade mencionada, bolsistas da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (Prae). Nesse sentido, de um universo aproximado de 3 mil discentes bolsistas, 500 em 2012/2; 700 em 2013/1; e 929 em 2013/2 obtiveram aproveitamento inferior ao esperado, conforme normas da instituição. Isto é, seja por dificuldades de

aprendizagem, seja por sofrimento psíquico e/ou outros motivos, não alcançaram o mínimo de 70%, adotado como um dos critérios de permanência nas referidas bolsas, condição entendida como indispensável à continuidade de seus estudos. Sobre o crescente baixo aproveitamento acadêmico, perguntamos: Como as subjetivações discentes vêm sendo produzidas em interface com o seu aprender em meio à vida universitária?

Nessa direção, delineamos a temática da investigação – a aprendizagem – quando vislumbramos que essa ganha dimensões existenciais no cotidiano contemporâneo dos alunos. Aprender distancia-se da representação de realidade já posta, pressupõe, em sua gênese, a invenção. Inaugurar aquilo que ainda não existe incide sobre uma inquietude diante da repetição de um saber e do fundo daquilo que não se sabe, de seu próprio sentido, “entrar em *devires* que comandam e balizam toda criação”. (SCHÉRER, 2005, p. 1.188). Não se trata, pois, de uma aprendizagem pautada pela busca da verdade última ou que se defina por critérios de avaliação no Ensino Superior. Fundamentamos o aprender sob o viés das filosofias da *diferença*, considerando-o amalgamado aos processos que estão permanentemente produzindo subjetivações no contexto da universidade, mas que, antes de tudo, alastram-se pela vida. A aprendizagem, nessa perspectiva, distancia-se da reprodução do mesmo, ou busca soluções de problemas, que se remetem a uma imagem dogmática do pensamento. Tampouco se refere a uma boa vontade de quem aprende e seu uso concordante das faculdades mentais, numa *cogitatio natura universalis* (DELEUZE, 2000), em que pressupõe um aprender como uma busca natural por respostas.

Para Deleuze (2000, p. 277), “o aprendiz é aquele que constitui e inventa problemas. [...]. Aprender é o nome que convém aos atos subjetivos operados em face da objetividade do problema”. Essa concepção adota o aprender como criação de questões em um pensamento sem imagem e, no ponto de partida daquilo que força o pensamento, estão os signos, um encontro violento e fundamental que compele o aluno à sua decifração, haja vista que “tanto quanto só há pensamento involuntário, suscitado, coagido no pensamento, com mais forte razão é absolutamente necessário que ele nasça, por arrombamento, do fortuito no mundo” (2000, p. 240). A invenção, portanto, não é um processo psicológico a mais, além da linguagem, da cognição, mas uma potência temporal de diferenciação que o perpassa. Kastrup (2005, p. 1.275) revela que a aprendizagem inventiva é “criada a partir

dos acoplamentos com as forças do mundo”; não segue a ordem de estruturas preexistentes, tampouco se configura como fruto da ação de um aluno como sujeito, pois esse é o resultado do próprio percurso da criação.

Ultrapassando uma coleta de dados, o principal objetivo desta investigação desvela-se em “colher” modos de se constituir como discente que deem pistas sobre processos subjetivos em ressonância com seus aprendizados. Tentamos, assim, capturar as subjetivações que não cessam de se transformar à medida que o aluno encontra um mundo dotado de um sistema de signos que acolhem e emitem sentidos diversos, onde aprender é penetrar no universo das relações que constituem singularidades, não existindo “significações explícitas nem ideias claras, só existem sentidos implicados nos signos”. (DELEUZE, 2010, p. 91).

No que se refere à subjetividade, adotamos a concepção de Guattari (2012, p. 19), a qual remete ao “conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posições de emergir como território existencial”, junto a um *socius*, em intensidades intersubjetivas. Para o autor, os modos subjetivos são produzidos a partir da captura de elementos no tecido social, acolhendo e emitindo multiplicidades, mantendo-se abertos e fazendo dessas interações uma construção coletiva viva. Dessa maneira, os processos de subjetivação são construídos não como resultado da soma de subjetividades individuais, mas no confronto com matérias em meio às experimentações. (GUATTARI; ROLNIK, 2013).

Nessa perspectiva, elegemos o método cartográfico de pesquisa-intervenção, o qual perpassa pela processualidade dos acontecimentos, e não pela representação de objetos, acessando a experiência e desenhando uma rede de forças que está a produzir subjetivações permanentemente. Modulações afetivas e intensidades do presente ganham espessura processual. Podem trazer algo novo nas franjas dos territórios existenciais, sem incorrer em interpretações que intentem conclusões homogêneas, sobretudo com o sentido de que “a pesquisa se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transformam e produzem mundos”. (BARROS; KASTRUP, 2014, p. 73).

2 Método

A pesquisa ocupou-se do estudo quantitativo acerca de estudantes que não obtiveram aproveitamento acadêmico em 2013/1, momento

em que o estudo foi pensado. Assim, dos 700 discentes desse período, 557 podiam ser incluídos na investigação. Para a realização desta análise documental (LUDKE; ANDRÉ, 1986), criamos uma ficha orientadora acerca dos dados concernentes às características sumárias encontradas no acervo da Prae, contemplando características sociodemográficas (idade, naturalidade), do contexto familiar (perdas, separação de pais) e da situação acadêmica (histórico de notas e outros ligados à instituição) dos alunos. Os dados foram trabalhados por meio dos *softwares* EPI INFO e SPSS, utilizando-se dos testes estatísticos ANOVA e *Teste-t* para realizar a análise das variáveis em exposição, associando-as ao aproveitamento acadêmico. Neste artigo, apresentamos uma tabela em que tais associações foram consideradas significativas às variáveis que apresentaram p-valor $d > 0,05$.

Medir sob este enfoque passa por encontrar os pontos de fissuras, sobretudo numa direção ético-política que possibilita um jogo de forças no campo problemático. (CÉSAR; SILVA; BICALHO, 2014). Na perspectiva cartográfica, realizar um levantamento de dados, menos que esquadriñar verdades, engendra um plano de inseparabilidade entre formas e forças. Este estudo, portanto, impulsiona-se com os números, mas resiste a eles enquanto são formatação do ser, haja vista que o *quanti* não anula a palavra *quali*, pois “todo número é original, intensivo, vetorial, em que implica uma diferença de quantidade”. (DELEUZE, 2000, p. 377).

Não pretendemos utilizar apenas os dados como fato concreto – ou como uma realidade verdadeira –, mas como um *quantum* de forças subjetivas que poderão ser encontradas no composto objetivo da tabela. A potência que esse levantamento poderá imprimir está no fato de aproximar a educação de um cenário em construção e que se transforma a cada dia. Assim, mais do que produzir elementos numéricos, é dar a pensar articulações entre efeitos e estratégias, considerando, sobremaneira, os movimentos caleidoscópicos que os estudantes vivem, em meio às transformações de um contexto de Ensino Superior. Essas transformações ganham voz à medida que deflagram as dificuldades enfrentadas para além de uma epistemologia da aprendizagem ou que se remeta apenas aos critérios de avaliação dos diversos cursos de graduação que vêm sendo criados.

Nossa intenção é fazer emergir intempestivas expressões de um virtual que se atualiza no mundo das criações de um ser estudante universitário na contemporaneidade, em um processo de devir.

Exploramos, desse modo, graus de transversalidade no método cartográfico, que não pressupõe um modelo a ser seguido, mas fomenta seu fazer em rigor científico, ética e prudência. Tedesco, Sade e Caliman (2014) afirmam que, na cartografia entendida como método, delinham-se três pistas, quais sejam: *acompanhar processos*, em que metas e análises ocorrem durante e desde o início de sua realização, capturando momentos de mudanças; *catalisar instantes de passagem e conhecer acontecimentos disruptivos*, na abertura que é produzida no plano coletivo de forças que acolhem intensidades e potência de criação; *articular as duas pistas anteriores* para pensar nos processos e nas transformações que consistem em potências de vida. A análise está no meio, *entre* modos subjetivos discentes e suas pistas enunciadas por documentos, expressões de um devir que deflagram transformações no mundo universitário.

3 Resultados e discussão

As diferenças de quantidade perpassam a qualidade que compõe os modos de vida dos discentes. Contornos provisórios ganham forma e sentido, reverberando-se e se reinventando. Movimentos que podem afirmar potência de vida, de que algo se passa, não está estanque. Um furor da existência que amplifica os efeitos da ação no processo de ser e de aprender, tendo, como pano de fundo, a complexidade constitutiva do não aproveitamento, pois esse pode ser atravessado por fatores de naturezas distintas.

Nas paisagens que foram avistadas de uma análise documental, em que os documentos foram como retratos que denunciavam condições de ser-e-estar, por entre históricos acadêmicos que traziam singularidades – baixas notas, infrequência, reopções de graduação, trancamento de cursos acadêmicos –, pulsava uma ideia de que tudo isso desenhava muito mais processos subjetivos, que o aluno estava enfrentando do que um não aprendizado. Perseguindo os rastros de uma aprendizagem inventiva e de uma subjetivação que é fabricada no coletivo de forças, encontramos outros modos de ser-e-estar do aluno, naquilo que é produtivo e que se desenha nas relações com o mundo. Se é transformando que se conhece, embora não se saiba previamente como alguém aprende (DELEUZE, 2000), adentrar no universo dos jovens passa pelos processos em curso, suas histórias carregadas de afetos e seus modos permanentemente constituídos em um esforço para dar conta de um contexto universitário. No acervo da instituição, também encontramos

histórias para contar, cartas que pediam uma segunda chance na permanência das bolsas, situações do contexto familiar, processos de adoecimento, atestados médicos e acompanhamentos psicológicos. Tal adoecimento remetia a um estado de coisas e de desterritorializações.

Conjugamos alguns resultados desse levantamento com outros estudos publicados, entre eles, duas pesquisas que foram realizadas no mesmo *locus*. A primeira trata de uma investigação qualitativa acerca do sofrimento psíquico dos discentes atendidos pelo Serviço de Psicologia da instituição, entre 2008 e 2012. (SCHNORR; RODRIGUES; OSÓRIO, 2014). E a segunda, realizada pela própria Prax, revela, quantitativamente, o perfil sociodemográfico e de hábitos relacionados à qualidade de vida dos moradores da Casa do Estudante da universidade. (NONTICURI et al., 2014). Dessas, desdobram-se referenciais de artigos que encontramos sobre a vida acadêmica, e evidenciamos a busca nos anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), no período dos últimos anos de 2011 a 2013, de artigos que contemplassem, em seu título, as palavras *universidade* ou *universitários* ou que fizessem menção ao Ensino Superior.

A partir dos resultados da presente investigação, vemos, conforme tabela das variáveis que se relacionaram com aproveitamento acadêmico, a predominância, entre os estudantes, da faixa etária entre 20 e 23 anos, conjugando outros achados, como em Schnorr, Rodrigues e Osório (2014); Nonticuri et al. (2014) e Oliveira e Fernandes (2013), em que a média de idade circunda os 23 anos. Assim, embora as menores médias tenham sido encontradas nos discentes que estavam entre 30 e 57 anos, este estudo se voltou à compreensão do ser jovem, e sua trajetória acadêmica em um contexto social-histórico da universidade que vem sofrendo mudanças. Carrano (2009) menciona que o termo *juventude* compreende a população entre 15 e 29 anos, descrevendo estudos sobre a complexidade que enseja a questão: “Quando alguém deixa de ser jovem e atinge a vida adulta”? (2009, p. 3). Outros estudos sobre jovens englobam, por exemplo, os 34 anos, de modo a entender a dinâmica social daquele que prolonga a juventude por não encontrar meios socioeconômicos para a vida adulta.

Tabela 1 – Variáveis que apresentaram associação significativa com o aproveitamento acadêmico de alunos bolsistas da Prae/UFPel

Variáveis	N (%)	Média de aprov. em 2013/1	p-valor
Idade (n=557)*			
16 a 19 anos	129(23,2)	39,2 (21,8)	0,012
20 a 23 anos	221(39,7)	35,7 (24,5)	
24 a 29 anos	137(24,6)	30,8 (24,8)	
30 a 57 anos	70 (12,6)	29,6 (28,3)	
Naturalidade			
Pelotas	290(52,0)	31,7 (25,0)	0,020
Outras cidades do RS	206(36,9)	38,0 (23,6)	
**Outros estados	60 (10,8)	36,7 (25,4)	
Outros países	02 (0,4)	12,5 (17,8)	
Estado Civil (n=546)*			
Solteiro(a)	495(89,0)	35,4 (24,1)	0,031
Casado(a) ou vive com companheiro(a)	55 (9,9)	26,2 (28,4)	
Separado(a) ou divorciado(a)	6 (1,1)	32,0 (29,5)	
Tem filhos (n=546)*			
Não	485(87,2)	35,8 (24,2)	0,005
Sim	71 (12,8)	26,1 (27,2)	
Acompanhamento psicológico			
Não	498(89,4)	35,3 (24,5)	0,025
Sim	59 (10,6)	27,2 (25,2)	

*variáveis com *missing* ** (RS) Rio Grande do Sul

Fonte: Autoras (2014).

Se, por um lado, há manutenção de vínculos de dependência material e afetiva para que essa fase seja alargada, por outro, fluxos de vida buscam autonomia. Nesse sentido, destacamos que a menor média estava para estudantes que moravam com suas famílias (33,5%), contrapondo-se à concepção de Neves e Dalgalarondo (2007), a qual preconiza que residir com a família, bem como seu apoio resultam em bem-estar ao estudante. Movimentos de individuação podem ser encontrados nos alunos que apresentaram maiores médias, tais como os moradores da Casa do Estudante (40,6%), de pensionatos (35%) e

sozinhos (34,6%). Ultrapassando os limites norteadores que descrevem a juventude em termos cronológicos, problematizamos o que pode estar constituindo o ser jovem nos dias de hoje, seus guetos, narcisismos, vazios, seus modos de ser na era tecnológica, lutas e passividades. Subjetivações de um ser jovem que busca liberdade, possibilidades de escolha, responsabilidades e consequências implicadas a partir daí são deflagradas de enunciações de singularidades dos dados encontrados. Marcar a juventude por intermédio do aspecto geracional e cronológico seria reduzi-la a um caráter identitário.

Para além de uma concepção de produção de subjetividades que consista em “regulamentar a passagem de uma faixa etária a outra, através de sistemas de iniciação” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 37), percebemos que as subjetivações vão diferenciando os seres, suas descontinuidades históricas e suas mudanças. Tendo em vista colisão com os signos de uma juventude que é forçada a pensar, dando a ver uma diferença: “mais importante do que o pensamento é aquilo que faz pensar” (DELEUZE, 2010, p. 29), não tratamos, portanto, de generalizações que estratifiquem os papéis que os jovens devam assumir, tampouco de conceituações, mas de um *socius* em que as singularidades sejam consideradas. A sensibilidade que é forçada a imprimir uma diferença: é disso que tratamos! Desconfiamos que o aluno esteja fadado apenas ao pensamento sedentário. Ele também é capaz de afirmar um potencial de criação!

Quanto à naturalidade, os alunos apresentaram médias do aproveitamento de 2013/1 significativamente diferentes entre as categorias, configurando as menores médias entre os estrangeiros. Contudo, a segunda menor média e o número mais expressivo são alunos da cidade-sede da universidade, o que refutaria a hipótese de que dificuldades surgem com mais frequência entre os que são de outros lugares, exigindo um suposto maior esforço de adaptação ao novo território. Isso revelaria que, para além de sua cidade de origem, seria inerente, ao contexto estudantil, um processo que absorvesse outra realidade vivida no ambiente acadêmico, sobretudo que fosse conhecida de todos “a perturbação que sofre o estudante ao chegar ao kafkiano mundo da Universidade. Sabemos quantos padecimentos ele terá para superar todos os tipos de dificuldades e inibições”. (GUATTARI, 2004, p. 97).

Com a intenção de melhor entender a metamorfose estudantil, na esteira deleuze-guattariana, passamos pela conjunção de

desterritorializações: (1) a que a universidade-máquina impõe ao estudante; (2) e a que o próprio discente propõe à instituição, pelo que escapa. Em um jogo de certas premissas, como, por exemplo, as formas de avaliação, as subjetividades inerentes a cada curso, a cada professor e a cada um dos seus estilos de pôr sobre a mesa as “cartas” do ensino e aprendizagem podem fazer com que o aluno queira traçar suas linhas de fuga. E, como diz Deleuze e Parnet (1998, p. 52), “mas é justamente isso que só se pode aprender na linha de fuga, ao mesmo tempo em que é traçada: os perigos que se corre, a paciência e as precauções que é preciso ter”. Tomando as subjetivações colmatadas à temática do aprender inventivo (KASTRUP, 2007), suspeitando que seja em função da territorialidade, operamos nos limites de uma cumplicidade entre subjetividade e invenção. Nessa direção, aprender passa por habitar um território, tal como uma toca kafkaniana, “à custa de muito escavar e morder, raspar e bater, é a minha fortaleza”. (KAFKA, 2001, p. 33). Se habitar um território configura uma familiaridade, também encerra a possibilidade de acolher o novo. Um aluno universitário que acolhe tantas outras possibilidades.

Para além de suas geografias e histórias, emerge uma aprendizagem no decorrer da existência que produz subjetivações com a possibilidade de invenção de outras formas de ser e de aprender. (KASTRUP, 2007). Na perspectiva deleuzeana, aprender diz respeito, essencialmente, aos signos. Os sentidos que neles se implicam envolvem um objeto de um aprendizado temporal, fruto de uma relação de forças. O autor revela que não existe aprendiz que não seja “egiptólogo” de alguma coisa, à espreita da decifração a ser realizada por quem aprende. Aquilo que escapa, pois, da representação dá a ver as diferenças do ser estudante universitário que desafia o modelo e o instituído.

Em César, Silva e Bicalho (2014), encontramos a possibilidade de ação que inclui um *quantum* de forças entendido como poder de transformação, o qual perpassa por entre as formas de se constituir estudante imbricado em suas relações. Nesse sentido, embora a grande maioria dos discentes fosse solteira, a menor média encontrava-se entre os casados ou que viviam com o companheiro. Conjugando isso ao fato de terem filhos, a média menor era a de alunos que os tinham e se somando ao da idade, desvela-se que, apesar das dificuldades intrínsecas ao ser jovem, estudar, na suposta vida adulta, com família constituída, talvez interpele singularidades e diferenças. Modos de subjetivação que

buscam brechas para a invenção, sendo compelidos a escapar de um pensamento dogmático (DELEUZE, 2000), transformando suas contingências em sobrevivência e criando outras formas de aprender durante a vida. Por outro lado, se ter filhos denuncia um menor aproveitamento, como 485 alunos (comparados aos 71 com filhos) expressam uma mesma condição de não aproveitamento, sem ter de cuidar de outrem? Um arranjo de quantidades de forças e formas ganha dimensões subjetivas provisórias.

Percebemos o sofrimento psíquico abrindo portas no mundo discente, destacando-se diferenças significativas de aproveitamento de 2013/1 entre ter ou não acompanhamento psicológico. Tal fato indicaria que, quando o aluno chega a tal serviço, algo já poderia estar transbordando. Assim como nas pesquisas de Schnorr, Rodrigues e Osório (2014), Zago (2006) e Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), encontramos o sofrimento psíquico em universitários, configurado na presença de depressão, ansiedade, estresse emocional ligado à falta de confiança na capacidade de desempenho, desencadeamento de distúrbios psicossomáticos, em intensidade que produz adoecimento. Somando-se às complicações na concentração e na adaptação, percebemos também a carga excessiva de alguns cursos de graduação e a natureza subjetiva em outros, haja vista que a menor média foi encontrada entre os alunos da área das ciências humanas (31%), comparados aos das áreas das exatas (35,4%) e das ciências da vida (35,7%). Além disso, dúvidas sobre sexualidade, impasses nos relacionamentos afetivos e na nova vida (SILVA et al., 2011; VALLILO et al., 2011) recrudescem o mal-estar discente em sua formação. Essas características também se encontram demonstradas em Nonticuri et al. (2014), por exemplo, em que 38% dos moradores na Casa do Estudante da mesma universidade descrevem sofrer influência emocional em suas tarefas, e 50% não se percebem com boa saúde.

Entretanto, como nos faz pensar Guattari (1993, p. 16), “sempre vejo o traumatismo mais como uma construção do que como alguma coisa sofrida”, sentimos algo de potência de vida exalando pelos poros do aprendiz, onde se aguça o desejo de se despojar de algo pré-concebido e perfurar o tecido estudantil de modo a encontrar as subjetivações que também desdobrem vitalidade, “devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis”. (DELEUZE, 2013b, p. 14). No horizonte das contingências e variações de intensidade no ambiente universitário, desvelam-se modos provisórios de existência em vias de se transformar. Diante do sofrimento estudantil observado nos estudos e no campo

empírico das pesquisadoras, há de se fundamentar a seguinte concepção enunciada por Rolnik (2005, p. 6): “Um desenvolvimento humano favorável tem a ver justamente com esta capacidade de se relacionar com o mundo de maneira criativa: é isto que daria sentido à existência, ancorando o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida.”

Assim, os fluxos do mal-estar discente são como as formas de conteúdo e expressão que se misturam aos signos de dor, de depressão, de rotinas cansadas, de esperanças e anseios, de noites maldormidas, palavras engasgadas. Por trás de um não aproveitamento na universidade, é instigante a força contida em um “eu posso”, de Agambem (2013, p. 240), pois, diante de uma experiência indiscernível, há chegado o momento de afirmar uma experiência da potência, não como uma individualidade, mas no coletivo que se produz em enunciados e que se constrói por agenciamento. Por isso, se uma frágil saúde, como afirma Deleuze (2013b), dá acesso ao vivido, pois aquilo que é irrespirável e extenuante produz aberturas ao devir; isso põe a pensar que, muitas vezes, o aluno cansado ou mesmo em adoecimento, encontra-se sensível às experiências, em que subjetivações dão a deixa para a criação de mundos. A subjetivação seria a própria fuga nas linhas cartográficas no percurso de formação acadêmica na vida.

Para além da compreensão de um conjunto, afirma Guattari (2004, p. 87), encontramos a possibilidade de articular tais fronteiras de forma mais fluida e flexível. As subjetivações discentes deflagraram sofrimento psíquico em relação a vivências como separação de pais [34,5% eram filhos de pais separados] e apresentaram morte significativa na família [19,5%], sobretudo aquelas que levavam a pensar sobre experiências difíceis de elaboração na vida dos estudantes e sua indissolubilidade à aprendizagem. O aprender, tomado sob o viés filosófico aqui adotado, requer algo a mais que reconhecer e encontrar respostas para suas perguntas. Ele passa por desconfiar das soluções, por inventar novas questões.

As inúmeras mudanças por que passa o estudante, seja da cidade, seja de condição social e econômica, além dos atravessamentos emocionais e do próprio ambiente universitário que lhe confere constante ajustamento, podem fazer com que ele manifeste impedimentos mais significativos em seu aproveitamento acadêmico no início do curso [57,2% estavam entre o 1º e o 3º semestres]. São encontros com um montante de signos inesperados no mundo universitário, que forcem o aluno a criar outras formas de existência, emergindo aquilo que se pode

em ato, fulgurando uma diferença. Contudo, dificuldades de adaptação e invenção nesse novo ambiente, seja por questões pessoais, seja por fatores acadêmicos, podem fazer emergir vulnerabilidade emocional pelo esforço que essa situação requer, além de poder mobilizar disposições psíquicas preexistentes “pela sobrecarga dos alunos que conseguiram ingressar na universidade sem base”. (CERCHIARI, CAETANO, FACCENDA, 2005, p. 418).

Nessa direção, questões pessoais, além daquelas ligadas ao vínculo estabelecido com a instituição, como condições sociais, políticas e econômicas, além de fazer emergir territórios existenciais, configuram forte influência pela permanência, ou não, do aluno na universidade. Assim, “a ‘falta de base’ do aluno pode levar a reprovações sucessivas em determinadas disciplinas e, muitas vezes, ao abandono do curso” (ADACHI, 2009, p. 31), sendo o desempenho acadêmico um preditor da permanência do aluno na universidade. Observamos, então, que a interface subjetiva da aprendizagem encontrava-se também ao longo do curso, sendo a menor média (32,7% em 2013/1) entre aqueles estudantes que estavam entre o quarto e o sexto semestre. Conforme Cerchiarì, Caetano e Faccenda (2005, p. 416), “na medida em que o acadêmico permanece na universidade há um aumento da tensão ou estresse psíquico, distúrbios psicossomáticos”, o que demonstraria a diminuição da saúde mental. Logo, não se trata de generalizações, mas de um cuidado com as singularidades que ganham relevo e estão continuamente a se transformar.

Por exemplo, nos estudos de Xavier, Nunes e Santos (2008, p. 436), encontramos a explicação: “Pode-se compreender alguns sentidos constituídos na esfera subjetiva a partir da aprendizagem na universidade, dentre eles, os sentidos atribuídos ao que se quer aprender, ou seja, à escolha dos cursos de graduação.” Assim como no *corpus* de 557 alunos pesquisados, 11% já realizaram reopção de graduação e, em discentes na Casa do Estudante da mesma instituição (NONTICURI et al., 2014), a insatisfação com a carreira escolhida prevaleceu em 25% dos casos. Observamos, em Zago (2006), que a ampliação de vagas, não apenas no Ensino Básico, mas, de igual forma, no Superior, mostrou a necessidade do aluno de não ser excluído do processo de escolarização e dar prosseguimento aos estudos, a qual, muitas vezes, “aparece com toda força na escolha do curso” (2006, p. 232). Assim, o pensamento filosófico deleuze-guattariano nos ajuda a problematizar, tanto pelos

estudos feitos como também pela nossa implicação cartográfica, uma sociedade do controle (DELEUZE, 2013a), pungente aos modos capitalísticos que pouco vêm acolhendo a velocidade das subjetivações estudantis em que pesem as diferentes composições que se formam, para que os discentes deem conta das singularidades da sua existência, nas quais vão tecendo suas escolhas.

Os modos de subjetivação neste estudo são vistos, então, como um processo de constituição da existência em suas possibilidades de desvio e reapropriação. As possibilidades singulares de aprender e as maneiras de existir inaugurais embatem no muro da subjetividade estudantil. “Ora os devires são absorvidos por esse muro, ora sofrem verdadeiros fenômenos de implosão” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 59), envolvendo a sensibilidade, procurando dar conta de um movimento involutivo, que corresponda à “dessubjetivação, que é condição para que os processos de subjetividade se mantenham em curso”. (KASTRUP, 2005, p. 1.276).

Nas formas que esquadrinham ou modelam a existência, pode surgir uma pequena irregularidade para um agenciamento que intente *fugir* de estratificações do aluno em seus modos de ser e estar-no-mundo. Rompendo barreiras, dando novas dimensões aos rijos critérios de avaliação acadêmica e perpassando pela diversidade que o tempo contemporâneo traz à vida estudantil, em que “fugir não é absolutamente renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga”. (ZOURABICHVILI, 2004, p. 47). Isso seria mencionar a possibilidade de pensar acerca da coabitação de mundos, de muitas universidades dentro de uma universidade, suas linhas de escape, suas resistências e revoluções, assim como suas formas de manutenção de um *status quo*, em que se intente escavar brechas que sirvam de respiradouro à existência e ao aprender. A subjetividade não se remete à centralização no indivíduo-estudante, mas à produção que acontece nos encontros que se vive com o *outro*, que pode ser o social, a natureza, as invenções, aquilo que cria efeitos nas maneiras de viver. A “aprendizagem surge como processo de produção de subjetividades, como invenção de si” (KASTRUP, 2005, p. 1.277), sobretudo em mutualidade à invenção do próprio mundo.

Isso dá a ver as teias de relações que o aluno tece a cada instante, constituindo-se a partir de uma construção coletiva que emite e acolhe elementos heterogêneos. Logo, a heterogeneidade do contexto social em que o estudante vive, como seus diferentes tipos de moradia, variados modos de composição familiar, distintas geografias, ganham

singularidades nas expressões que transversalizam as subjetivações que se circunscvem em seu aprender em meio a vida. Permanentes abandonos e modificações dos modos de ser discente, as misturas e os desvios dão movimento às suas experiências. Dessa forma, a análise documental não se remete à modelização subjetiva no cerne do baixo aproveitamento acadêmico, e sim, àquilo que lhe escapa, como, por exemplo, um elevado índice de infrequência no semestre estudado (61%), o que, em parte, justificado em documentos, deflagra contingências existenciais. Percebemos, no campo cartográfico, que os alunos *inventam* formas de não frequentar as aulas, seja pelo sofrimento psíquico (SCHNORR; RODRIGUES; OSÓRIO, 2014), seja pela natureza subjetiva de alguns cursos (SILVA et al., 2011), seja pela sobrecarga de outros (CERCHIARI; CAETANO; FACCENDA, 2005), entre tantas outras possibilidades.

Os devires estudantis desafiam o modelo do instituído pelos critérios de avaliação das universidades, arrastam as subjetividades para o agenciamento de fluxos heterogêneos em que outros territórios se vão formando, fazendo emergir uma diferença. É claro que também existe um modelo, o da reconhecimento: é uma mesa, é um vaso, é um boa-noite *Teeteto*. Objetos que podem ser vistos, lembrados, tocados, concebidos com o mero exercício concordante das faculdades, tais como a memória e a inteligência. (DELEUZE, 2000). Contudo, no contexto do aproveitamento acadêmico, é possível perceber que os alunos podem traçar desterritorializações que se distanciam do aspecto representacional do aprender que busca soluções para problemas já dados e, em um campo imanente, criar suas próprias questões, mostrando uma aprendizagem que passa pela invenção de si e do mundo. (KASTRUP, 2007). Os devires, nessa direção, desenham possibilidades abertas às transformações que os alunos engendram em sua vida. Eles podem “chegar a buracos, microintervalos entre as matérias, cores e sons, onde se precipitam as linhas de fuga, linhas do mundo, linhas de transparência e de secção”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 80).

Relevos surgem daí como singularidades que transversalizam seus mundos, revelando potências de vida, quando, dos 16 alunos, participantes deste estudo e moradores na Casa do Estudante, apresentaram as maiores médias (40,6%) no período investigado. O que está em jogo não são, portanto, as identidades ou estratificações de papéis que codificam destinos para adaptar os alunos às finalidades universais de uma graduação, mas o respeito às singularidades. (GUATTARI, 2012).

Fundamentamos que a relação entre subjetividade e mundo, segundo Rolnik (2002), circunscreve-se para além de domínios psicológicos, em suas relações com memória, percepções, sentimentos ou mesmo inteligência, mas perpassa por outra dimensão, a de um corpo vibrátil. Um corpo que se vê impossibilitado de assistir às aulas, com bloqueios no ato de estudar, ou ainda, um corpo que funciona como máquina na engrenagem no *socius*, na família, na educação, nos elementos fabricados por mídias. Há, pois, a interação de instâncias, quais sejam máquinas de expressão extraindividual (sistemas sociais, tecnológicos, econômicos) e infrapessoal (percepção, sensibilidades).

Multiplicidades de sentidos, por vezes, deixam o jovem perdido e vulnerável, produzindo *subjetivações* que o engessam em um aprender cognitivo (DELEUZE, 2000); *subjetivações* que clamam por desterritorializações que tracem algo novo, escapando de uma aprendizagem marcada pela reprodução do mesmo Deleuze (2000); *subjetivações* que se ritornelam, movimentos contínuos que se diferenciam na mínima repetição que enseje uma variação, onde subjaz uma diferença. Elas se cruzam, coexistem, convivem com um *socius*, estão em contínua metamorfose. O estudante, pois, se encontra mergulhado em forças que o impulsionam a tecer pequenos desvios e lhe possibilitem outras aprendizagens. Mudanças na educação que transcorrem por um viés sociopolítico, como a ampliação de cursos sem, necessariamente, um aumento nas formas de acolher os alunos em uma diversidade de dimensões, assim como a inserção do coletivo que integra a instituição educacional atravessado por subjetivações de um mundo contemporâneo.

Se aprender passa por fazer bifurcar e diferenciar a cognição, a perspectiva da invenção mantém o aprender sempre em curso, por meio de agenciamento e aberta aos afetos. Nesse sentido, não se pode dizer que o discente universitário não passou por aprendizagens por ter atingido um percentual abaixo de 70% no aproveitamento acadêmico. Nesse percurso quanti-quali cartográfico, por meio de dados, documentos e cartas escritas pelos alunos para justificar suas condições de impossibilidade, foram colhidos sinais na direção de que o não aproveitamento se relacionou muito mais com resistências do que com não aprendizados, muito mais com desistências de que com dificuldades cognitivas, muito mais com sofrimento e impedimento de frequentar as aulas do que com descompromisso. Desse modo, quando antigas territorialidades, tais como “o corpo, a família, o espaço doméstico, as

relações de vizinhança, de faixa etária, etc. são ameaçadas por um movimento geral de desterritorialização, procedemos à recriação artificial dessas mesmas territorialidades”. (GUATTARI, 1985, p. 65). Uma juventude maquínica, cujos corpos voláteis e devires revelam “movimentos de revolta em diferentes autonomias” (1985, p. 57), impugnando heterogeneidades que abraçam a juventude, mesmo por vezes, no adoecimento, na infrequência e no baixo aproveitamento acadêmico, atravessam potência de vida!

4 Considerações finais

À guisa de conclusão, problematizamos que conhecer parte das contingências impeditivas do aprender permite pensar que o dado quantitativo revelado pelo não aproveitamento, não emite um signo por si só isoladamente e não denuncia uma dificuldade de aprendizagem propriamente dita e indelével. Sob a concepção de um baixo desempenho acadêmico, descortinam-se modos provisórios que contornam a vida estudantil, reverberando subjetivações que se tornam obstáculos em seu percurso. Se aprender, como afirma Kastrup (2007), passa por fazer bifurcar e diferenciar a cognição, a política da invenção mantém o aprender sempre em curso, por meio de agenciamento e aberta ao devir.

E, uma vez que a concepção de aprender passa pela invenção, abraçando toda uma vida, seria demasiado representativo promulgar uma identidade ao aluno como aquele que tem dificuldades, pois “aprender a aprender é, então, também e paradoxalmente, aprender a desaprender”. (2007, p. 225). Uma aprendizagem que dê lugar à inventividade em um movimento diferencial do pensamento, conduzindo, involuntariamente, as faculdades mentais à disjunção de elevá-las ao encontro com os signos que dão a ver a invenção de problemas (DELEUZE, 2000, 2010) e, não mais a busca de solução a problemas dados *a priori*. O modo como os jovens estudantes vêm se constituindo obedece a um fluxo processual de afecções, transfigurando em forma de dados quantitativos que emanam forças quali, rompendo com certas estruturas pré-moldadas onde os corpos-aprendizes subjazem passivos pelo não aproveitamento, rotulados pelo sofrimento psíquico (depressão, ansiedade) ou por um processo de adaptação em amplo espectro: à universidade, à nova vida. O que se forma é um processo de constituir e desconstruir estereótipos. O cansaço e as dificuldades da vida estudantil

coabitam mundos que revigoram a capacidade de uma contínua formação. Mergulhar nos possíveis modos de ser e aprender dos jovens universitários perpassa pelo seu cotidiano, circunscreve-se a subjetivações que o impulsionam.

Diante das mudanças no cenário de ingresso ao Ensino Superior e seus subsequentes impactos, como aumento da população acadêmica e da diversidade sociocultural, emerge a necessidade de outras práticas em educação, perfazendo do aprender discente cadências subjetivas que o impulsionem à invenção de si e do mundo. Após um caminhar por dados, possíveis modos de os estudantes constituírem-se, percebemos que o saltar desse trampolim quantitativo se compõe de um *quantum* de forças que remetem ao ambiente do universitário para além de caminhos retílicos de ações no contexto educacional. Essas precisam perpassar por tortuosos e ordinários percursos da vida, experiências do vivido que assolam memórias que se presentificam na imanência de se aventurar pelo entremeio dos buracos negros, em torções do pensamento. Assim, poderemos pensar em novas práticas que venham provocar algum fastio de vida, transformando algo na realidade de seu *corpus*, em um *continuum* estado de devir, sulcos de diferença que produzam sentidos.

REFERÊNCIAS

ADACHI, Ana Amélia C. T. *Evasão e evadidos nos cursos de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/UFMG, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/HJPB-7UPMBA>> Acesso em: 2 jan. 2015.

AGAMBEM, Giorgio. *A potência do pensamento*. Trad. de António Guerreiro. Lisboa: Relógio D'Água, 2013.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 52-75.

CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO, 2., 2009, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2009.

CÉSAR, Janaína Mariano; SILVA, Fábio Hebert da; BICALHO, Pedro Paulo G. de. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2014, 153-174. v. 2.

CERCHIARI, Edinéia A. N.; CAETANO, Dorgival; FACCENDA, Odival. Prevalência de transtornos menores em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 10, n. 3, p. 413-420, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbert. São Paulo: Ed 34, 2013a.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2013b.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012. v. 4.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

GUATTARI, Félix. Guattari na PUC: Encontro de Félix Guattari com o Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade. Programa de Estudos Pós-Graduandos em Psicologia Clínica. PUCSP. *Cadernos de Subjetividade*, PUC-São Paulo, v. 1, n. 1, p. 9-28, 1993.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, Félix. *Psicanálise e Transversalidade: ensaios de análise institucional*. São Paulo: Ideias & Letras, 2004.

GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 12. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

KAFKA, Franz. *O Covil*. Trad. de José Gaspar Simões. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KASTRUP, Virgínia. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1.273-1.288, set./dez. 2005.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

NEVES, Marly C. C.; DALGALARRONDO, Paulo. Transtornos mentais autorreferidos em estudantes universitários. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 56, n. 4, 2007.

NOTICURI, Amélia Rodrigues et al. Estímulo à aprendizagem mediante a promoção da saúde dos alunos da UFPel: uma tarefa transdisciplinar. In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 16., 2014, Pelotas. *Anais...* Pelotas, 2014. p. 1-4. Disponível em: <http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2014/CH_01422.pdf>HYPERLINK “http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2014/CH_01422.pdf%3e.%20%20”>HYPERLINK “http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2014/CH_01422.pdf%3e.%20%20”. Acesso em: 20 dez. 2014.

OLIVEIRA, Maísa Aparecida; FERNANDES, Maria Cristina S. G. A atividade discente na universidade: caracterização dos estudantes e impactos da produtividade acadêmica. In: REUNIÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 36., 2013, Goiânia. *Anais...* Goiânia, 2013. p. 1-15. Disponível em: <http://36reuniaio.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt14_trabalhos_pdfs/gt14_2874_texto.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2014.

ROLNIK, S. Subjetividade em obra: Lygia Clark artista contemporânea. In: LINS, D.; GADELHA, S. (Org.). *Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2002. p. 269-279.

ROLNIK, S. Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia. Núcleo de Estudos sobre Subjetividade. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

SATIN, Andrea C. A.; CUNHA, Patrícia R. C. Políticas públicas de educação no Ensino Superior: a implementação do programa Reuni e do Sisu na Universidade Federal de Pelotas. In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 14., 2012, Pelotas. *Anais...* Pelotas, 2012. p. 1-4. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/enpos/2012/anais/pdf/CH/CH_00653.pdf>HYPERLINK “http://www2.ufpel.edu.br/enpos/2012/anais/pdf/CH/CH_00653.pdf%3e.%20Acesso%20em:%20jun.%202014”>. HYPERLINK “http://www2.ufpel.edu.br/enpos/2012/anais/pdf/CH/CH_00653.pdf%3e.%20Acesso%20em:%20jun.%202014” Acesso em: 14 jun. 2014.

SCHÉRER, René. Aprender em Deleuze. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1.183-1.194, set./dez. 2005.

SCHNORR, Tainá Molina; RODRIGUES, Carla Gonçalves, OSÓRIO, Lisandra Berni. Investigação do sofrimento psíquico. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 23., 2014, Pelotas. *Anais...* Pelotas, 2014. p. 1-4. Disponível em: <http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2014/CH_00698.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2014.

SILVA, Vânea L. dos S. et al. Fatores de estresse no último ano do curso de graduação em Enfermagem: percepção dos estudantes. *Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, Eduerj, v. 19, n. 1, p. 121-6, 2011.

TEDESCO, Sílvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 92-127. v. 2.

VALLILO, Nathália G. et al. Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Clínica Médica*, v. 9, n. 1, p. 36-41, 2011.

XAVIER, Alessandra; NUNES, Ana Ignêz B. L.; SANTOS, Michelle Steiner. Subjetividade e sofrimento psíquico na formação do sujeito na universidade. *Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. VIII, n. 2, p. 427-451, jun. 2008.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no Ensino Superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Rev. Bras. de Educ.*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-237, 2006.

ZOURABICHVILI, François. O vocabulário de Deleuze. Trad. de A. Telles. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://claudioulpiano.org.br/s87743.gridserver.com/wp-content/uploads/2010/05/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

Submetido em 30 de março de 2016.
Aprovado em 14 de julho de 2016.